



CURRÍCULO, CULTURA, IDENTIDADE E SOCIEDADE: DISCUSSÕES INICIAIS NO CURSO DE PEDAGOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS

Ana Caroline Trindade Morais¹
Maria Verônica Morais de Araújo²
Greicy Oliveira Nascimento³

RESUMO

Este estudo surge a partir das discussões iniciais sobre a concepção de currículo propostas aos estudantes do curso de Pedagogia do Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) campus situado no Sul do Amazonas, especificamente na cidade de Humaitá. Assim, os objetivos do artigo propõem I) identificar como a cultura e identidade estão organizadas dentro do currículo; II) apresentar uma breve contextualização das transformações dos conceitos que o currículo carrega ao longo da sua historicidade; e III) entender como as práticas pedagógicas incluem (ou não) a cultura e identidade no ambiente escolar, de modo que, a escola reconheça as diferenças de culturas e identidades nos seus contextos existentes. A questão que norteou este estudo reflete sobre: qual o papel da escola na produção de uma sociedade que deve reconhecer as múltiplas identidades, e como produzir (ou reproduzir) um currículo que reconheça e respeite as diferentes culturas e sujeitos no processo de ensino e aprendizagem? Em busca de resposta a problemática levantada, utilizou-se a pesquisa bibliográfica com aporte teórico em Candau (2007), Moreira e Silva (1994), Moreira e Candau (2007) e Silva (1999). Com base nas análises feitas a partir de buscas, leituras, questionamentos, indagações e diante das perspectivas dos autores apresentados, entende-se que a construção de cultura e identidade estão ligadas juntamente ao processo de evolução dos indivíduos por meio do currículo, na qual as implicações de poder se fazem presentes no âmbito escolar começando pela formação dos professores e pela organização curricular. Contudo, estas reflexões iniciais, foram essenciais para compreender que o currículo não é um elemento neutro estando, conseqüentemente, interligado às demandas de grupos que detém o poder de definir ações executadas pela escola e que refletem a cultura dominante daquele dado contexto sócio-político-histórico.

Palavras-chave: Currículo, relações de poder, identidade

INTRODUÇÃO

O currículo, não se restringe apenas em conteúdos e programas, vai muito além disso, faz parte da formação humana, sendo assim, é necessário entender suas transformações e compreender o seu conceito, pois é um elemento de grande relevância para a construção de identidades, culturas e sociedade.

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Amazonas- UFAM, anacarolinettrindade718@gmail.com;

² Graduanda pelo Curso de Pedagogia da Universidade Federal Amazonas- UFAM, vera.araujo.734@gmail.com;

³ Doutoranda do programa de pós-graduação em Educação na Amazônia (PPGEDA/UFAM/EDUCANORTE), greicyoliveiran@hotmail.com.

O presente artigo apresenta como objetivos: identificar como a cultura e identidade estão organizadas dentro do currículo; apresentar uma breve contextualização das transformações dos conceitos que o currículo carrega ao longo da sua historicidade; e entender como as práticas pedagógicas incluem (ou não) a cultura e identidade no ambiente escolar, de modo que, a escola reconheça as diferenças de culturas e identidades nos seus contextos existentes.

Este estudo teve como questão norteadora: qual o papel da escola na produção de uma sociedade que deve reconhecer as múltiplas identidades, e como produzir (ou reproduzir) um currículo que reconheça e respeite as diferentes culturas e sujeitos no processo de ensino e aprendizagem? Em busca de resposta referente a problemática levantada, realizou-se uma pesquisa bibliográfica com aporte teórico em Candau (2007), Moreira e Silva (1994), Moreira e Candau (2007) e Silva (1999).

Posteriormente, realizou-se a análise das informações coletadas, para melhor compreensão das transformações do currículo, e como ele se torna um elemento de grande importância dentro do ambiente escolar. Sendo assim buscou-se teóricos que tratam sobre a temática deste trabalho.

Para Moreira et. al (1994, p.07) “O currículo é considerado um artefato social e cultural. Isso significa que ele é colocado na moldura mais ampla de suas determinações sociais, de sua história, de sua produção contextual.” Ou seja, o currículo se torna um artefato social quando envolve em suas práticas as relações de poder, as construções de culturas e identidades, nas construções de poder o currículo vai estabelecer relações de transformações com as identidades e culturas no qual essas relações são históricas e socialmente produzidas constantemente.

A cultura teve vários significados ao longo dos tempos, ou seja, não há apenas um único significado para o conceito de cultura, mas, pode-se definir a cultura, na forma como ela aparece nas práticas sociais, uma definição geral, segundo Candau (2007, p.27) “é definida como “um conjunto de práticas significantes.”

Vale ressaltar que a identidade não é unificada, ela será construída a partir da relação com o outro, através da vivência que permite conhecer a si próprio e o outro, tendo a compreensão e o reconhecimento da sua personalidade e do outro, passando a compreender as peculiaridades que a torna ser humano, ou seja, a identidade não está devidamente pronta, mas em constante metamorfose.

O discurso do currículo, pois, autoriza, legitima ou deslegitima, inclui ou exclui. E nesse processo somos produzidos como sujeitos muito particulares, como sujeitos posicionados ao longo desses múltiplos eixos de autoridade, legitimidade, divisão e representação. É assim que o currículo nos interpreta como sujeitos (SILVA, 2011, p.190).

São nessas representações que o conceito de identidade surge no currículo, o currículo está voltado para a organização de uma sociedade, e por trás do currículo sempre houve interesses por partes políticas de classes dominantes, o currículo não é um elemento natural que está devidamente pronto e nem neutro, mas é algo produzido e devidamente selecionado pelos indivíduos que determinam quais os tipos de cidadãos desejam formar, para inserir na sociedade. Tendo em vista que a organização do currículo acontece de diferentes modalidades, pois as propostas citadas precisam atender os diferentes locais.

REFERENCIAL TEÓRICO

Com o processo de massificação de imigração nos Estados Unidos se fez necessário pensar na organização das práticas escolares, pois até então o currículo não aparecia no âmbito escolar de forma organizada, alguns educadores começaram a pensar em estratégias para realizar essa organização, pois com o processo de industrialização e a chegada dos imigrantes com diferentes culturas, valores, raças era preocupante para a classe dominante, no qual viam através da escola a forma de reestruturar a homogeneidade, e com todas as mudanças sociais, políticas e econômicas que ocorriam no século XX, o currículo começava a ganhar novos conceitos.

[...] A presença dos imigrantes nas grandes metrópoles, com seus diferentes costumes e condutas, acabou por ameaçar a cultura e os valores da classe média americana, protestante, branca, habitante da cidade. (MOREIRA. el.al.1994, p.10).

Surge em primeiro plano “as teorias tradicionais eram teorias de aceitação, ajuste e adaptação (SILVA, 1999, p.30).” Bobbitt e Tyler intensificam em seus estudos as teorias de currículo tradicional, no qual se limitavam para descobri-lo, as escolas para Bobbitt deveriam ser como empresas, “o currículo é visto como um processo de racionalização de resultados educacionais, cuidadosa e rigorosamente especificados e medidos (SILVA, 1999, p.12)”, esse modelo de currículo ganhou grande ênfase nos âmbitos escolares, era bem mais fácil lidar com esta teoria de aceitação e ajuste para não se dá o trabalho de pensar fora dessas perspectiva de teoria.

Com os grandes impactos produzidos por esta concepção da teoria tradicional, houve grandes repudiações e novos estudos surgiram em oposição à teoria tradicional do currículo.

A teoria crítica surge e se volta para os estudos de ideologia, reprodução, resistência e busca novos conceitos para a ressignificação de currículo, “as teorias críticas são teorias de desconfiança, questionamentos e transformação social (SILVA, 1999, p. 30)”.

A teoria crítica não se limita em levantar questionamentos, e não aceitará tudo que é

imposto, bem diferente da teoria tradicional que se limitava em descobrir além daquilo que era imposto, na teoria crítica um dos autores fundamentais é Apple que olhará para as imposições tradicionais das práticas autoritárias e opressoras, dos indivíduos enxergará as relações de poder no qual a classe dominante determinará dentro das escolas, e construirá sua teoria crítica, no qual levará o sujeito a refletir a sociedade que está inserido, criando uma autonomia “com as teorias críticas aprendemos que o currículo é, definitivamente um espaço de poder, o conhecimento corporificado no currículo carrega as marcas indeléveis das relações de poder (SILVA, 1999, p.147).”

Logo após a teoria crítica surge a teoria pós-crítica “nas teorias pós-críticas, o conhecimento não é exterior ao poder, o conhecimento não se põe ao poder. O conhecimento não é aquilo que põe em xeque o poder: conhecimento é parte inerente do poder (SILVA, 1999, p.149).”

Em vista dos argumentos apresentados, o currículo não pode ser considerado apenas um mero conceito no qual não apresenta uma intencionalidade, muito pelo contrário, o currículo envolve toda uma estrutura no qual estabelece objetivos concretos e com intencionalidade, o currículo surge para organizar as práticas para que tenham intencionalidade “o currículo está implicado em relações de poder, o currículo transmite visões sociais particulares e interessadas, o currículo produz identidades individuais e sociais particulares.” (SILVA, 1999, p.08), são nessas relações de poder, identidade e cultura que ocorre a estruturação no currículo voltada para a construção da sociedade partindo da formação de cada indivíduo conforme as relações que serão estabelecidas nas instituições de ensino. O currículo vem para organizar o que vai ser aprendido e como vai ser aprendido.

Bernstein distinguia dois tipos fundamentais de organização de currículo: o currículo tipo coleção e o currículo integrado. No currículo tipo coleção, as áreas e campos de conhecimentos são mantidos fortemente isolados, separados. Não há permeabilidade entre as diferentes áreas de conhecimento. No currículo integrado, por sua vez, as distinções entre as diferentes áreas de conhecimentos são muito menos nítidas, muito menos marcadas. A organização do currículo obedece a um princípio abrangente ao qual se subordinam todas as áreas que o compõem (SILVA, 1999, p.72).

As relações de poder acontecem sobre dois perfis, a relação assimétrica que não podemos negar, ou seja um melhor que o outro, uma relação de poder hierárquica, em alguns casos ele vem para tentar manter esse poder, o currículo pode produzir isso. Por outro lado, também pode ser produzido o poder circular: o poder não está somente sobre o que operar só com um grupo, ou sujeito.

São nessas perspectivas de relações de poder que o currículo tem autonomia para as construções sociais individuais e coletivas dos indivíduos, quando Silva (1999) afirma a



subordinação que o currículo sofre em suas áreas que o compõem ele nos instiga a refletir como as relações de poder são intensificadas quando se trata do currículo e a desigualdade que permeia favorecendo aqueles que dominam o poder pois;

O currículo representa, assim, um conjunto de práticas que propiciam a produção, a circulação e o consumo de significados no espaço social e que contribuem, intensamente, para a construção de identidades sociais e culturais. O currículo é, por consequência, um dispositivo de grande efeito no processo de construção da identidade do(a) estudante (CANDAU, 2007, p.28).

O currículo proporciona a relação de diferentes culturas no qual se constituem através da linguagem trocas de informações entre um aluno e o outro, são nessas relações dentro da escola que as práticas pedagógicas dos professores devem reconhecer a pluralidade cultural e trabalhar dando significados importantes para cada cultura.

Conhecimento, cultura e currículo caminham juntos o ato de aprender está presente em todo canto, e são nas diversidades culturais encontradas dentro e fora da escola que os educadores têm o papel importantes partindo da realidade de cada indivíduo e fortalecendo dentro de sala o respeito para com o outro, na relação professor-aluno é imprescindível colocar em pauta que a cultura não é unificada, que todo indivíduo carrega consigo a sua cultura particular, e são nessas trocas de informações que a escola pode trabalhar com diferentes disciplinas como história, ciências, português, geografia e artes e perceber diante dessas disciplinas como se organizam as diferentes culturas, buscar formas para estruturar os conhecimentos sociais, políticos, econômico.

currículo se evidenciam esforços tanto por consolidar as situações de opressão e discriminação a que certos grupos sociais têm sido submetidos, quanto por questionar os arranjos sociais em que essas situações se sustentam. Isso se torna claro ao nos lembrarmos dos inúmeros e expressivos relatos de práticas, em salas de aulas, que contribuem para cristalizar preconceitos e discriminações, representações estereotipadas e desrespeitosas de certos comportamentos, certos estudantes e certos grupos sociais (CANDAU, 2007, p.28).

Cabe às escolas e os educadores decidirem como irão tratar em suas práticas a vasta diversidade cultural que se encontra presente em todo o território nacional, ou podem estabelecer na escola apenas a cultura dominante, essa variação pode ocorrer de escola para escola, dependendo dos valores éticos, morais e sociais que a escola preza na construção dos indivíduos que estão inseridos na sociedade.

É nessa relação que a escola tem grande significado em suas práticas escolares quando se refere a construção de identidades dos seus alunos, o currículo desenvolvido dentro da escola pode fortalecer a construção de identidade ou enfraquecer dependendo de como a escola seleciona os conteúdos a serem trabalhados.



A identidade, portanto, está fundada na identidade social, em grupos sociais ou populações com algum sentido de uma história e de uma experiência partilhada. E, contudo, é também uma categoria condenada à dispersão e à fragmentação, comprometida com um ante essencialismo, com um antiabsolutismo (SILVA, 2011, p.59).

Diante disso pode-se afirmar que a identidade social pode ser definida como aquilo que se é, ou seja, aquilo que eu sou, a partir das diferenças do outro. Tem como referência a si própria, que também pode estar em constante mudança, sendo ativamente produzidas no contexto de relações sociais e culturais, pois produzimos a partir de experiências vivenciadas, onde somos sujeitos reais e que a partir dessas experiências são produzidos os seus significados.

Ela também implica as relações de poder, que definem como ela pode ser inserida dentro do currículo, ou seja, aquilo que define que tipo de sujeitos devem ser formados, o que ensinar, como ensinar e porque ensinar, ou seja, incluir disciplinas que venham despertar o senso crítico dos alunos para formar sujeitos, críticos, reflexivos, que possam questionar os seus direitos. Ou pelo contrário, sujeitos trabalhadores, instruídos apenas para o mercado de trabalho, essas relações de poder estão vinculadas ao poder assimétrico, que é somente aquilo a ser feito, onde são impostas as marcações de diferenças ou exclusão.

As escolas têm sido, por muito tempo, um dos locais centrais nos quais vários grupos têm tentado constituir noções de autoridade cultural e regular a forma pela qual as pessoas compreendem a si próprias, sua relação com outras e seus ambientes sociais e físicos comuns. Essas histórias demonstram claramente que reduzir as escolas a simples "reflexos" significa suprimir o caráter construído e frequentemente contestado da organização e da prática escolar (SILVA, 1999, p.62).

A construção de cultura e identidade estão ligadas juntamente no processo de evolução dos indivíduos por meio do currículo, as implicações de poder se fazem presentes no âmbito escolar começando pela formação dos professores e a organização do currículo, entender diante das problemáticas as diferenças do currículo, de uma escola para a outra, quais práticas pedagógicas se tornam relevantes para as escolas privadas para favorecer a classe dominante e quais práticas se tornam relevantes para as escolas públicas, que tipo de cidadãos devem ser formados para inserir na sociedade, essas relações de poderes determinantes se fazem presente e permeia nas organizações das escolas, ou seja;

Nessa hierarquia, legitimam-se saberes socialmente reconhecidos e estigmatizam-se os saberes populares. Nessa hierarquia, silenciam-se as vozes de muitos indivíduos e grupos sociais e classificam-se seus saberes como indignos de entrarem na sala de aula e de serem ensinados e aprendidos. Nessa hierarquia, reforçam-se relações de poder favoráveis à manutenção das desigualdades e das diferenças que caracterizam nossa estrutura social. (CANDAUI, 2007, p. 25).

A escola não pode silenciar os sujeitos, muito pelo contrário, é crucial dar abertura para ouvir e trabalhar as diversidades encontradas nas instituições de ensino, o indivíduo vai se constituindo a partir das experiências vivenciadas e a escola é mediadora nesse processo, o

processo de identidade é contínuo, essas construções culturais e de identidades irá refletir para a formação de cidadãos que estão incluídos na sociedade e que por meio desse currículo que deve ser reforçado esses valores. Pois, o currículo é pensado a partir de uma sociedade e deve refletir que sujeitos essa sociedade deseja formar, pois a educação está vinculada com a sociedade no seu processo de desenvolvimento.

Percebe-se, que o currículo ao longo de sua trajetória vem sendo visto como grupo determinante que domina o poder de decidir aquilo que a escola deve fazer, por outro lado é visto como currículo que não só visa apenas na demanda da sociedade, mas contribuir por mudanças para construção de novos paradigmas educacionais.

Neste cenário o currículo se torna um território de disputas, entrando em discussão, questões como, o que ensinar, como ensinar e para que ensinar, havendo muitos interesses por trás dessa formação de currículo, se tornam questões fundamentais, pois determina também o perfil do educando no qual se deseja formar.

As escolas estão organizadas não apenas para ensinar o conhecimento referente a quê, como e para quê, exigido pela nossa sociedade, mas estão organizadas também de uma forma tal que elas, afinal de contas, auxiliam na produção do conhecimento técnico/administrativo necessário, entre outras coisas, para expandir mercados, controlar a produção, o trabalho e as pessoas, produzir pesquisa básica e aplicada exigida pela indústria e criar necessidades artificiais generalizadas entre a população. (APPLE, 1989, p.37).

Partindo desses pressupostos as colocações levantadas acerca do currículo para a construção de uma sociedade no qual a escola juntamente com a organização do currículo tem grande parcela de contribuição também para a formação de identidade particular e coletiva dos indivíduos, a relação de diferença e identidade partir da relação com a sociedade, pois toda sociedade é composta por diversas culturas, religiões, gêneros, ou seja, é a diferença entre um indivíduo e o outro.

Tendo em vista que a educação e os aspectos culturais estão intimamente vinculados, pois, antes de escola somos sociedade, segundo Oliveira (2020) “ a aprendizagem se dá em múltiplos espaços. A sala de aula é um deles [...] além disso dá para ensinar e aprender em outros espaços, sem tirar o papel do professor nesse processo.” Ou seja, devemos pensar em estratégias para despadroneizar com a convicção de que aprende-se somente dentro da sala de aula.

O papel da escola em sua posição, seria a inclusão em suas práticas pedagógicas a conscientização do reconhecimento das diferentes culturas que formam uma sociedade, o indivíduo se torna produto do currículo pois é através dele que nos tornaremos quem somos hoje e quem seremos amanhã, somos seres inacabados que evoluímos até o último suspiro.



São nessas relações de contribuição que nossa construção de identidade cria forma e muda constantemente, a nossa identidade de quem somos, na condição que, só torna-se possível através da identidade do outro, o indivíduo não é um mero produto, o indivíduo é um ser racional, no qual precisa conhecer além daquilo que é encoberto pelas relações de poder.

O currículo como fonte de poder não deve ser benéfico apenas para um grupo determinante, os conhecimentos selecionados devem honrar com os valores, morais, étnicos que construa uma sociedade que respeite as diferenças culturais.

No processo de ensino-aprendizagem se faz necessário que o professor possibilite a enxergar em seus alunos todas as características, jeitos, modos, costumes que são apresentados em sala, e partindo da realidade do aluno faça com que ele perceba e reconheça que dentro do seu âmbito escolar, está cercado de manifestações culturais, diferentes da sua cultura, crença, etnia, raça.

Compreende-se que a escola é um espaço de aprendizagem e de democracia inclusiva devendo fortalecer a não discriminação, o não preconceito e o respeito as diferenças e diversidades (BNCC, 2017.p. 14).

E que o professor possa ser exemplo de respeito para com os outros que apresentam culturas, identidades diferentes das suas, é partindo da realidade dos alunos que os conhecimentos devem ser selecionados, e mostrar que fora da sua realidade existem inúmeras culturas, identidades, raças, crenças, gênero, a escola como pilar fundamental, na construção de identidades e culturas não deve silenciar as diferenças existentes na nossa sociedade que é tão rica de manifestações culturais e tão ampla de identidades particulares.

Quando a escola proporciona diálogos e debates com seus alunos e cria um elo de professor-aluno está possibilitando que os alunos tenham aprendizagens mais significativas, são nessas trocas de experiências que ocasiona um conhecimento mais amplo. A escola deve criar um ambiente seguro e sem limitações para que possa desenvolver cidadãos capacitados que honre seus princípios e respeite as diferenças do outro. Conforme apontam Araújo e Soares a uma necessidade de um currículo descolonizado que deve:

Pensar estratégias de uma educação que trabalhe diversidade, pluralismo, protagonismo do povo negro, identidade, relações étnico-raciais, pertencimento, autoafirmação e tantas outras questões que compoem a luta dos negros no Brasil [...]. (2019, p.13).

Se vive numa sociedade onde o preconceito está enraizado desde muitas décadas, e quando isto acontece cabe ao sistema educacional reavaliar suas práticas pedagógicas, pois suas metodologias estão sendo falhas, pois a sociedade é composta por manifestações culturais diversificadas e diferentes identidades espalhadas por todo o território, o currículo tem o poder

de mudar essa trajetória, mas, quando se fala em poder, deve-se lembrar que por trás das escolhas e seleções de conteúdos tem algo maior que são os interesses políticos determinantes numa sociedade.

METODOLOGIA

O estudo consiste em uma pesquisa de caráter bibliográfica que possibilita trazer as principais definições e posicionamentos acerca da temática abordada. A pesquisa bibliográfica não requer quantidade do pesquisador, mas qualidade sobre as informações adquiridas. Por isso, Ruiz (2006) considera a pesquisa bibliográfica como a primeira etapa que o pesquisador deve realizar antes de ir a campo, pois é necessário fazer a análise bibliográfica é a revisão de livros, periódicos e artigos científicos antes de ir coletar os dados.

A pesquisa bibliográfica é básica e obrigatória em qualquer modalidade de pesquisa. De forma geral, qualquer informação publicada (impressa ou eletrônica) é passível de se tornar uma fonte de consulta. Os livros constituem-se nas principais fontes de referências bibliográficas. Os artigos publicados em livros adotados como referência em sistemas formais de ensino constituem-se em um conhecimento pronto para consulta. (SANTOS, 2020, p. 5).

A pesquisa bibliográfica oferece para o pesquisador um leque de conhecimento daquilo que irá abordar para obter melhores resultados, por isso é importante busca conhecer o objeto a ser pesquisado, além disso ler livros, artigos, monografia e etc... são auxílios de fundamental importância para que a pesquisa seja satisfatória ao estudo.

Os procedimentos metodológicos constituem-se em duas etapas: a primeira surge a partir das discussões iniciais sobre a concepção de currículo propostas aos estudantes do curso de Pedagogia do Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) campus situado no Sul do Amazonas e a segunda ocorreu a seleção de materias bibliograficos para análise no que se refere o estudo.

Com amparo nas análises feitas a partir de buscas, leituras, questionamentos, indagações e diante das perspectivas dos autores apresentados, compreende-se que a construção de cultura e identidade estão ligadas juntamente ao processo de evolução dos indivíduos por meio do currículo, na qual as implicações de poder se fazem presentes no âmbito escolar começando pela formação dos professores e pela organização curricular. Contudo, estas reflexões iniciais, foram essenciais para compreender que o currículo não é um elemento neutro estando, conseqüentemente, interligado às demandas de grupos que detém o poder de definir ações executadas pela escola e que refletem a cultura dominante daquele dado contexto sócio-político-histórico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas possíveis reflexões desenvolvidas a partir da pesquisa bibliográfica, possibilitou-se entender que o currículo implica nas relações e conexões entre cultura, identidade e sociedade, uma vez que, organizar o que vai ser apreendido e como será apreendido, a uma série de consequências, refletindo, sobre tudo, na inclusão de grupos sociais, subordinados através da estrutura social, da classe social, raça, gênero, escolha e orientação sexual, essas relações proporcionam uma mudança na cultura, tornando uma esfera social mais ampla com diferentes grupos sociais.

Tendo em vista que as posições desses grupos dentro da sociedade, causam mudanças nas posições e relações de poder, com isto, o currículo se torna o elo de ligação entre a cultura, sociedade e a escola. Por isso, faz-se necessário conhecer e trabalhar com as culturas plurais, diversidade envolvendo a comunidade e a escola, trabalhando com interdisciplinar que fortalece o ensino e a aprendizagem dos alunos e favorece na transmissão do conhecimento das gerações futuras.

Não podemos deixar de mencionar que o currículo não é um elemento neutro, pois consequentemente atende as demandas de grupos que a sociedade detém o poder de definir aquilo que a escola planeja e deve fazer. É importante acentuar que o currículo apenas não reflete demandas da sociedade, mas também pode contribuir com suas ações e efeitos nos estudantes para efetuar mudanças nessa sociedade. Através do currículo é possível decidir sobre formas de ensino que contribuirá para a formação de cidadão consciente, pois a educação é um direito humano que deve afirmar valores e estimar ações que contribuam para a transformação de uma sociedade, contudo o currículo é um elemento central na definição daquilo que somos e o que seremos futuramente.

Diante dessas concepções destinadas acerca do currículo, a escola por sua vez, para um bom funcionamento e compromisso com suas práticas pedagógicas deve propor um currículo inovador, comprometido com a sociedade, abrindo espaços para diálogos no campo escolar para elaborar propostas pedagógicas coerente para escola, tendo a participação de todos que trabalham na instituição, da comunidade e dos alunos, para que as decisões sejam feitas de forma democrática, pois é preciso que todos participam sem exceções, baseado no respeito que venha refletir sobre a importância do reconhecimento das diferenças culturais, religiosas e de gênero.

Pois, além da formação intelectual, o currículo deve trabalhar ativamente na formação



social de futuras gerações que venham respeitar o seu meio a qual estão inseridos. Portanto , a busca por uma aprendizagem de qualidade deve ser coletiva, visando a melhoria da formação dos alunos.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, A. A; SOARES, E. L. R . **Identidade e relações étnico-raciais na formação escolar**. Rev. Pemo, Foraleza, v. 1, n.1-14, 2019. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/view/3628>. Acesso em: 01 out. 2022.

APPLE, M. W. **Educação e poder**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

BRASIL, Ministério da Educação, **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília/MEC, 2017.

CANDAU, V. M. Diferenças culturais, interculturalidade e educação em direitos humanos. **Revista Brasileira de Educação**, v. 13, n. 37, 2007.

MOREIRA, A. F. B e CANDAU, V. M. BEAUCHAMP, S. D. P. Et.al (Orgs.). **Indagações sobre o currículo: currículo, conhecimento e cultura**. Brasília: Ministério da Educação Secretaria de Educação Básica, 2007.

MOREIRA, A. F. B e SILVA, T. T. da (Orgs.). **Currículo, cultura e sociedade**. São Paulo: Cortez, 1994.

MCROBBIE, A. Et.al. SILVA, T. T. da (Orgs.). **Alienígenas na sala de aula**. 9. Ed. Petrópolis, RJ:Vozes, 2011.

SANTOS, C. J.G. **Tipos de pesquisas: oficina de pesquisa**. 2020.

SILVA, T. T. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

OLIVEIRA, D. (2020). Escolas Rurais: os desafios de ensinar e aprender na quarentena. *Desafios da Educação*, 17 abr. 2020. Disponível em: <https://desafiosdaeducacao.grupoa.com.br/escolas-rurais-na-quarentena/>. Acesso em: 10 out 2022.